

apresentação



Desde sua criação, em 1981, a revista *Em Aberto* sempre abordou temas atuais, e, no decorrer dos anos, em vista da relevância de seus enfoques, teve de ampliar a tiragem, para atender a estudantes, profissionais e pesquisadores dos mais variados níveis e áreas de atuação.

O fato de, em 2012, terem decorrido três décadas desde a publicação do tema Desporto Escolar justifica por si só apresentar o movimento da relação entre a Educação Física Escolar e o esporte – suas leituras, interpretações, reinterpretações e as possibilidades que se configuraram no recorte temporal situado.

Se a relação entre esporte e escola tem se tornado um tema polêmico no decorrer dessas três décadas, atentemos então, desta feita, para a sua atualidade repleta de ambivalência: de um lado, o “espetáculo de poder” vem transvestido da sedução euforizante de “uma ideia no lugar”; de outro, uma ideia que não nos deixa sossegados, pois, sob o impacto do calor da hora de uma duração curtíssima de três anos, com a marca de espetáculo patrocinado pelo Estado, assusta-nos a possibilidade de usos e abusos de somas vultosas em gastos de recursos públicos para a realização dos dois megaeventos esportivos no Brasil: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

A questão dos megaeventos esportivos e suas implicações na sociedade e na Educação Física Escolar anuncia calorosos debates para os três anos vindouros, adentrando a comunidade científica com contundente e constante pauta na grande mídia e presença assegurada na escola, chegando às casas dos cidadãos brasileiros como algo naturalizado.

Visando contemplar a diversidade epistemológica do debate, três eixos temáticos compõem este número da revista *Em Aberto*: 1) os determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais da escola, da Educação Física e do esporte na sociedade do espetáculo; 2) a Educação Física e os esportes consolidando os megaeventos esportivos ou afirmando a inclusão social; 3) os desafios e perspectivas para a Educação Física Escolar e o esporte diante do “patrocínio” dos megaeventos esportivos.

No artigo da seção *Enfoque* – “Educação Física Escolar e megaeventos esportivos: quais suas implicações?” –, os organizadores deste número, José Tarcísio Grunennvaldt e Elenor Kunz, apresentam como foi produzido o discurso que justificou a introdução e regulamentação do desporto escolar na década de 1980 e quais suas consequências decorridos trinta anos. Em face de dois grandes desafios a que o Brasil se sujeitou – a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 –, os autores chamam a atenção para a possibilidade de vir a ser criado um novo discurso persuasivo para, novamente, a escola e a Educação Física Escolar serem “escaladas” para fomentar o desenvolvimento esportivo brasileiro. Questionam na Educação Física Escolar o uso do treinamento intensivo com exacerbada dedicação para determinadas práticas, pois isso “reduz o trabalho ao trabalho”, e sugerem que, como iniciação, é possível expandi-lo com seu enriquecimento criativo, com vazão para o lúdico, o onírico e a imaginação – enfim, criação como expansão do trabalho.

A seção *Pontos de Vista* inicia-se com o texto de Hamilcar Silveira Dantas Júnior, “Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos”, que apresenta o tema a partir de uma reflexão sobre qual o legado educativo dos megaeventos esportivos em curso no Brasil. Destaca que a forma atual de promoção de eventos esportivos escolares não contempla o esporte em seus aspectos formativos, e, de igual modo, a realização de megaeventos esportivos, enquanto proposta/legado, não contempla uma dimensão educativa e de formação cultural para as crianças e jovens brasileiros.

Em seguida, Ricardo Lucena sugestivamente propõe “Esporte, Educação Física e escola: como não sucumbir ao gigante esporte em tempos de megaeventos esportivos no Brasil?”, com uma narrativa a partir de três passos: 1) a interrelação da Educação Física com o esporte a partir da cena histórica, visando sua compreensão; 2) a quadra de esportes como um espaço de supremacia em contraste com o espaço da aula de Educação Física; 3) alguns “discursos” do esporte para a escola, a exemplo do Programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte. Desconfia do propósito de dividir a política de esportes do Brasil em três vetores para buscar recursos (atividade de lazer, esporte educacional e esporte de alto nível), pois essa proposição é traída quando o governo enfatiza o esporte de alto nível com vista a transformar a Nação numa “potência esportiva”, centrada na descoberta de talentos, e não numa “Nação esportiva”, apoiada em um “costume esportivo”, adquirido nas oportunidades de lazer e no período de escolarização.

O artigo de Celi Nelza Zulke Taffarel, Cláudio de Lira Santos Júnior e Welington Araújo Silva, intitulado “Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas

de Educação Física”, conceitua megaevento e esporte tendo em vista os condicionantes históricos no plano da economia política, questionando a escola e o trabalho pedagógico diante dos rumos dados à formação humana nas aulas de Educação Física. Os autores desenvolvem a hipótese de que mudanças na organização do trabalho pedagógico poderiam trazer elementos mediadores para alterar os sentidos e significados hegemônicos sobre o esporte e os megaeventos na escola. Para cada ser humano, o esporte assume sentidos e significados pessoais e sociais, porém ambos são construções que decorrem das relações sociais. Nesse sentido, o esporte é uma relação social de um tipo especial, pois implica o acesso à cultura corporal historicamente construído e nem sempre disponibilizado para a classe trabalhadora e para a escola e outras esferas. Quais são os mediadores para que outra perspectiva seja hegemônica na escola e que imprima os rumos da formação humana? O que fazer para dar à formação humana na escola uma perspectiva emancipatória, de superação da alienação no trato com o conteúdo esporte na escola? O enfrentamento dessas questões requer um aporte teórico que permita promover a reflexão filosófica necessária e a ação prática imprescindível para a alteração dos rumos da formação dos estudantes brasileiros.

O artigo de Heloísa dos Santos Simon, Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, Evando Carlos Moreira, Aguinaldo César Surdi e José Tarcísio Grunennvaldt versa sobre “Educação Física Escolar e esporte na escola: narrativas de professores da década de 1980”. No plano metodológico, foram utilizadas as narrativas de professores, considerando-se o que essas experiências podem revelar em possibilidades que envolvam uma perspectiva fenomenológica e existencial; essa perspectiva viabiliza a noção de tempo narrativo, pois ele permite que se estabeleça um entrecruzamento ou uma mediação entre os aspectos episódicos e os aspectos configurantes das histórias que se deram com os professores em seus contextos vividos. Nas narrativas, foi possível encontrar referências de que o reconhecimento dos professores se deu, na comunidade e na cidade, por seus envolvimento com o esporte, devido muito mais, provavelmente, ao fato de terem sido protagonistas de práticas inaugurais em seus lugares, pois eram, acima de tudo, homens de ação. A precariedade das estruturas físicas para a realização das atividades de educação física/esporte apontadas nas narrativas decerto contribuiu para a reelaboração do esporte à luz das circunstâncias objetivas postas.

A contribuição de Portugal é qualificada com o texto de António Camilo Cunha, “Educação Física na Europa e no Brasil: um sentido comum que mostra uma identidade universal”, em que analisa as grandes concepções/tendências da Educação Física nessas duas realidades, constatando que, eventualmente, faz-se elevar um eixo comum que estrutura uma identidade global e, por isso, universal, o que evidencia a existência de um sentido ontológico comum que está acima das diversidades culturais, sociais, políticas, ideológicas, geográficas. Apresenta três eixos que mostram as palavras/propriedades da Educação Física, a saber: 1) a ideia de homem-todo; 2) as propriedades (palavras) estruturantes da Educação Física; 3) a cultura e a axiologia. Neste último, constata que a Educação Física encontra na cultura e a cultura na Educação Física um campo fértil para ser mais... e tender para a sabedoria.

Em seguida, Paulo Carlan brinda a edição com o texto “Ensino dos esportes na escola: um estudo de caso”. No lastro das propostas renovadoras que surgiram na década de 1980, a pesquisa partiu da seguinte questão: Sob quais condições e de que forma o esporte deve e pode ser praticado e ensinado na escola? Com efeito, entende que o esporte passa a ser compreendido como um fenômeno heterogêneo e ambíguo, em processo de constituição, que se desvela numa perspectiva histórica, contínua e de constantes mudanças e passível de diferentes possibilidades de interpretação. Não obstante o debate acerca da compreensão do tratamento dado ao conteúdo esportes na Educação Física Escolar, ainda se encontram algumas razões que merecem atenção, como: 1) o esporte foi e continua sendo uma expressão muito presente da cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo; 2) o esporte é um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física Escolar; 3) o sistema esportivo reconhece a escola como uma instância fomentadora de valores sociais, de significados e sentidos intra e interpessoal na elaboração de hábitos, ou seja, o esporte como um princípio educativo; 4) é na Educação Física Escolar que surge a oportunidade de o conteúdo esporte ser tematizado. O estudo de caso evidenciou que a prática pedagógica do professor colaborador não se esgotou nem se reduziu aos conhecimentos instrumentais do Futebol Sete, mas avançou no sentido da compreensão de uma intencionalidade educacional/pedagógica pautada e comprometida com a formação humana, o que implica a escolha de valores e concepções éticas, morais, estéticas, de mundo, do que significa aprender, conhecer e ensinar.

Com a sugestiva contribuição de “Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física no ambiente rural amazônico”, Gláucio Campos Gomes de Matos comparece para apresentar as práticas culturais do amazônida. Uma experiência de mais de 20 anos de contato com comunidades ribeirinhas foi e continua sendo apresentada ao conhecimento científico, amparada pela etnografia, como método da Antropologia Cultural. Por um lado, ela se apropria da observação participante, de entrevistas com informantes e registros de imagens; por outro lado, vale-se da Sociologia Figuracional, que permite entender as comunidades e as práticas em contínuo processo. O texto enfatiza que as práticas socioculturais fortalecem a identidade amazônica e revela a pluralidade da cultura corporal brasileira. O conhecimento dessas manifestações da cultura de movimento no cotidiano dos ribeirinhos permite à Educação Física tensionar a hegemonia de práticas esportivas movidas pela lógica dos megaeventos esportivos e coadjuvar com a reflexão sobre o movimento humano, observando suas peculiaridades e as relações que se manifestam nas mais variadas configurações.

Em seguida, no artigo “Esporte na escola: conhecer, experimentar e transformar”, Andrize Ramirez Costa e Elenor Kunz partem da proposta renovadora para a educação física da década de 1980, sem, no entanto, retomar suas críticas. Os autores, propositivamente, acentuam as possibilidades educacionais abrangentes que podem ser fomentadas pela Educação Física Escolar quando ela, entre outros aspectos, atender a uma prática de rendimento necessário e não obrigatório, mediante uma metodologia conduzida pelo processo de conhecer, experimentar e transformar

o esporte a ser praticado nesse âmbito. Romper com a imagem de que o esporte é uma atividade apenas para jovens e com finalidades competitivas é a primeira tarefa para quem pretende apresentar e desenvolver um esporte com múltiplas perspectivas: socializadora, educativa, cultural e, até mesmo, terapêutica. Para romper com a imagem do esporte homogêneo, é preciso apresentar o esporte e os locais de sua prática de forma atrativa e desvinculada de padrões consagrados.

Ao leitor que prefere a fluidez da velocidade, sugere-se a lucidez da lentidão, pois, para o último *Ponto de Vista*, recebemos a grata e inovadora contribuição de Valter Bracht e Felipe Quintão de Almeida, com o texto "Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar". Argumentam os autores que existem zonas de conflito entre o código e os princípios do modelo dominante de esporte e os códigos e princípios da instituição escolar. Sem submeter-se à lógica do sistema esportivo, a escola deve integrar o esporte aos objetivos educacionais, no sentido de promover uma ampla "alfabetização esportiva" da população. Os autores defendem para a Educação Física Escolar um triplo papel: 1) proporcionar aprendizagens esportivas, estimulando o aluno a praticar e desenvolver habilidades; 2) auxiliar o aluno a compreender o fenômeno esportivo, incluindo elementos para tomada de decisão em busca da carreira esportiva; 3) oferecer oportunidades de aprendizagens que levam a outras possibilidades de vivenciar o esporte, a partir de códigos como saúde, sociabilidade, prazer e divertimento. Quanto à relação da Educação Física Escolar com os megaeventos esportivos sem se curvar aos seus imperativos, os autores argutamente recorreram a Foucault e sua resposta ao que é a crítica, quando com ele asseveram: "é a arte de não ser excessivamente governado ou, se preferirem, a arte de não ser governado desse modo a esse preço". Manter na agenda a discussão sobre a construção de uma "forma escolar" para o esporte é o compromisso (político) que não pode calar no campo, especialmente agora, em tempos de Copa do Mundo de Futebol e de Jogos Olímpicos.

Na seção Resenhas, analisamos a coletânea *Esporte de rendimento e esporte na escola*, organizada por Marco Paulo Stigger e Hugo Lovisoló, em 2009, que traz à tona a polêmica deflagrada pela revista *Movimento*, em 2000 e 2001, quando convidou diversos profissionais a externarem seus pontos de vista sobre o tema. Os sete artigos originalmente publicados na seção Temas Polêmicos da revista *Movimento* configuram a primeira parte da obra e, na segunda, os mesmos autores revisitam seus textos originais. Percebe-se que, nesse intervalo de quase 10 anos, o debate contemplou e permitiu visibilidade às diversas concepções que o tema possibilita.

Finaliza-se a edição com a seção *Bibliografia Comentada*, que contempla obras sobre a relação e as implicações da/na Educação Física Escolar com os megaeventos esportivos.

Está posto o convite à leitura. Fizemos o possível para trazer contribuições nos três eixos temáticos que nos propusemos a abordar nesta edição. O tema é polêmico e instiga diferentes abordagens, e esperamos que o leitor encontre aqui um repertório representativo das preocupações levantadas pelos intelectuais/pesquisadores das Universidades sobre a grande cena da Educação Física Escolar nas circunstâncias que correm.

Agradecemos a todos os colegas que se dispuseram a contribuir para com o enriquecimento dos debates e a Evando Carlos Moreira, que, desinteressadamente, procedeu à leitura dos textos. Agradecemos, também, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela acolhida para a realização de Estágio de Pós-Graduação na condição de bolsista do Programa Pós-Doc Reuni.

*José Tarcísio Grunennvaldt*  
*Elenor Kunz*  
Organizadores